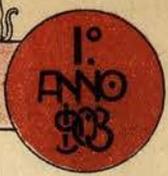


N.º 18 — LISBOA, 23 DE ABRIL



PARODIA

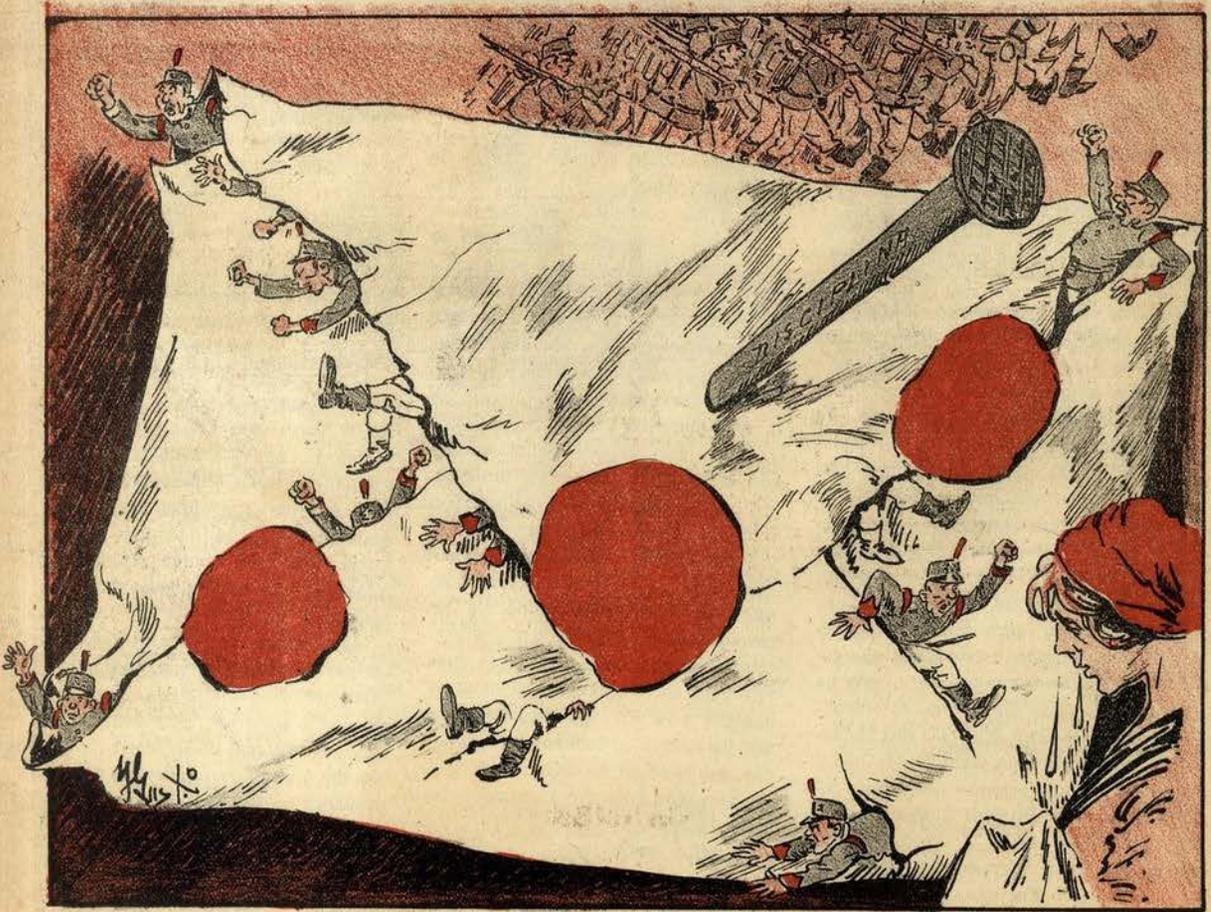
COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se às quartas-feiras
Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assinaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs
Semestre, 26 numeros..... \$500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... \$100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$500 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

INFANTERIA 18



Carta de prego

D. Lucinda

Um dos redactores de um dos nossos jornaes mais activamente occupados em revolver factos e personalidades, tendo ido ha dias visitar Lucinda Simões á sua residencia de Bemfica, trouxe a publico, com algumas das impressões que experimentou n'esse lar d'artista, um pouco do que ouviu e tambem do que disse. Ora, entre o que disse, esse jornalista, consignando que Lucinda Simões occupa um lugar verdadeiramente proeminente na consideração do publico, teria assim affirmado a sua convicção :

« — A D. Lucinda é das creaturas por elle mais queridas ».

Sem fazer qualquer genero de reparo á construcção, perfeitamente regular d'este periodo, seja-nos licito fazer alguns ao tratamento que o jornalista em questão julgou dever dar á eminente artista, a quem tão conspicua e reservadamente chama D. Lucinda.

E' esta uma questão feminina, sempre delectosa de tratar, como todas as questões femininas, das quaes já dizia a Senhora de Girardin que interessavam os homens mais pela graça que pela philosophia.

D. Lucinda — vejamos — não recorda a personalidade de uma artista.

Em vão nós diríamos : « Acabo de encontrar a D. Lucinda », ou : « Acabo de ver representar a D. Lucinda. »

Em ambos os casos, o nosso interlocutor não terá entendido senão que encontramos uma senhora das nossas relações, a quem design mos um pouco desenvoltamente por D. Lucinda, ou que assistimos a um espectáculo, certamente de caridade, em que uma senhora com o mesmo nome graciosamente tomou parte.

Não é em regra de bom gosto referir-se a gente ás senhoras que conhece, quer na sua presença, quer na sua ausencia, dizendo secca e asperamente — *dona*. Em face dos formalismos da cortezia, D. Lucinda não é pois, já, uma senhora das nossas relações. — D. Lucinda é uma dona de casa d'hospedes.

Em rigor, deveríamos dizer — a Senhora D. Lucinda.

A D. Lucinda, *tout court*, não é de rigor.

D. Lucinda, ou Senhora D. Lucinda são, porem, tratamentos que não convêm a uma mulher que se distinguu pela arte.

A Arte é essencialmente niveladora e se não reconhece condições, não reconhece nos sexos senão aquillo que real e authenticamente os nobilitou, que é o genio, commum a ambos. O resto é secundario.

A mulher d'arte, por exemplo, não tem em rigor sexo. Quando essa mulher tem talento, em regra essa mulher é um homem.

A mulher vive n'um regimen de tutela. Ella emancipa-se. A mulher tem um marido. Ella pode deixar de o ter. Filhos. Ella pode prescindir d'essa funcção materna. A arte não lhe pede senão que fulgure, que illumine, que deslumbre. E' o que ella faz, sem outros deveres. E', por acaso, a mulher d'arte, uma excellente *femme de ménage*? Admiravelmente. Isso, porém, em nada augmenta o seu prestigio, que não vem das suas qualidades domesticas, mas das suas facultades artisticas.

Desde logo ella attinge uma tão alta superioridade entre as pessoas do seu sexo, pelos dons viuis que a natureza lhe concedeu, que dar-lhe a ella o que se dá em consideração ao commum das mulheres, é prestar-lhe uma homenagem que já não lhe cabe senão em certa medida e que não a recompensa senão em mesquinhas proporções. E' desconhecê-la, desnatural-a, falseal-a.

A mulher de theatro, á qual nos estamos mais especialmente referindo, subtrahe-se, como nenhuma outra mulher d'arte, aos formalismos femininos. Não se emancipa só : entra em insurreição. N'uma sociedade em que a sua profissão não foi ainda dignificada, não é uma mulher : é um revolucionario. Dá batalha aos preconceitos, abandona o lar e as suas virtudes, entra em contacto com os homens e as suas paixões, torna-se um instrumento publico de commoção, expõe-se ás vicissitudes da gloria com uma coragem só comparavel á do soldado.

O que é isto ?
Uma mulher?

Sem duvida. Ella é uma mulher pelo sexo, mas deixou de o ser pela funcção.

Não lhes cabem, pois, as homenagens que são devidas ás mulheres, que exercem normalmente as funcções femininas, mas outras, que, por serem differentes, não são menos consideraveis.

Os artistas, sem exclusão das mulheres, invocam-se como os deuses, na segunda pessoa. Sáem do Manual de Civildade. Por isso entram na gloria. Acrescentar algum titulo aos seus nomes gloriosos, é desfigural-os hediondamente. Vejamos, por exemplo, o effeito d'este simples enunciado : *Dona Emilia das Neves*. E' grotesco e não é nada *Gladiador de Ravenna*.

Historicamente conhecemos duas mulheres remotas, a quem os seculos tem systematicamente tratado com a discrição e a reserva especialmente concedidas ás donas de casa : são D. Urraca e D. Tareja. Alem d'estas nossas duas illustres antepassadas e de algumas mais, como D. Philippa de Lancaster e D. Mecia Lopes de Haro, aquellas que mais virilmente affirmaram o seu sexo perderam o dom, como Leonor Telles, que a historia trata francamente por tu, e Felippa de Vilhena, que só a Sociedade 1.º de Dezembro teima em chamar D. Felippa.

Catharina d'Athayde perdeu o dom. Marianna Alcoforado nunca o teve, como nunca o tiveram a Laura de Petrarcha e a Beatriz do Dante.

O dom é um attributo domestico, como o avental, o rol da roupa e o molho de chaves. Demol-o de boamente ás donas de casa, mas supprimamol-o terminantemente de todos os nomes proprios e appellidos que significam para os nossos espiritos alguma coisa mais do que remançosas idéas de ventura e commodidade domesticas.

Uma artista tão notavel pelo seu temperamento, pela sua educação e pela sua obra, como é Lucinda Simões, não póde ser *Dona Lucinda* senão por um espirito de cortezia que não lhe é applicavel, posto ella tenha amplamente direito a todas as homenagens do seu tempo.

JOÃO RIMANSO.

PRECES

O sr. Cardeal Patriarcha ordemna que em todas as egrejas parochiaes se façam preces *ad petendam pluviam*, que é como quem diz, a pedir môlho.

Isto na fórma do ritual de Paulo V. Se o pedem no ritual de Bonifacio I, a coisa não dá resultado.

E, agora haveis de ouvir a padralhada de bocas abertas, a supplicar ao senhor dos favaes e das hortaliças o favor de lançar sobre as ditas plantas — os orvalhos do ceu.

E, a chuva ha de vir. Hoje, de manhã, começaram a correr encastelladas dos lados da barra montanhas de nuvens.

Foi talvez cedo para a ordem patriarchal apparecer. Era esperar mais um ou dois dias, até vêr se caíam os primeiros pingos da chuva.

Era pela certa.



Não é extraordinario e picaro e patusco que em nossos dias um chefe de igreja mande aos seus padres pedir chuva, isto publicamente, e que o paiz não receba a noticia da ordem com uma phenomenal gargalhada?

Não é extraordinario e picaro e patusco que um Deus esteja a modificar o correr natural das coisas, por pedidos particulares do prior da Moita ou do sachristão de Lava Rabos?

Não é pusilanime e estúpido o admitir-se que um Deus faça o mal, por castigo ou por divertimento, mal que uns estafados latinorios possam ter a faculdade de evitar?

Mas isto não é um Deus, é um trançalhadações da cõrte celestial, emproado como o sr. Hintze e despotico como o sr. Pinto da Guerra.



Uma das duas, ou as favas do Alemejo e os trigos do Valle do dito, incorreram em crime perante a Magestade Divina e n'esse caso pela infabalavel e absoluta justiça d'esta, elles teem de curvar a cabeça ao cutello ardente do algoz — o sol — ou as favas e trigos estão innocentes e n'esse caso, na Boa-Hora que fica para os lados da Ursa Maior, desde que a medida de morte não é geral, ha empenhos e protecções consecutivas para o faval de fulano, contra o faval de sicrano.

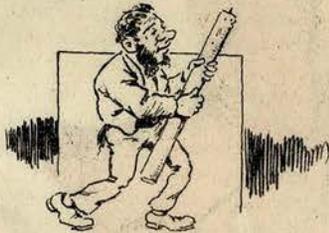
D'onde se conclue que nunca o sr. Patriarcha poderá dar tal ordem, a não ser que nos queira mostrar que o seu Deus é de tal modo imbecil que se leva *com cantigas*.

Sim, porque supponhamos que vae chover enquanto os padres berram cantochonicamente supplicas, o que se conclue? Que Deus ouviu as suas orações e que estando resolvido a queimar feijões e pepinos, cebolas e ervilhas, foi desviado dos seus intentos pela voz dos seus levitas.

De maneira que este Deus é *assim* como os politicos portuguezes — que mudam de opiniões *conforme lhe cantam*.

Resolve queimar as batatas do Zé da Horta; mas o padre Fagundes berra-lhe cá de baixo quatro larachas no ritual de Paulo V e o poderoso velho — será velho? — torce-se no seu throno de nuvens, chama o ministro da chuva, que é como quem diz, naturalmente, o homem das bombas — manda apontara agulheta para a parochia escaldada.

Zé da Horta rejubila e cáe com mais um arratel de cêra para o altar mór.



E' esta a idéa patusca que de Deus faz o nosso senhor Patriarcha. Um Deus que eleva uns e esmaga outros, que protege as nabijas de João contra os tomates de Antonio, que leva a vida a fazer vinganças mesquinhas, n'uma politica de perseguições e de odios, tal qual como um reles politico portuguez fazendo *dançar* os inimigos com reduções de ordenados, transferences, multas e processos.

Um Deus que se força a ser bom; um Deus de maus figados, despotico e patusco ás ordens da criadagem tardada cá da terra, que ora lhe pede chuva ora lhe pede sol, de modo a collocar o na contingencia de ser *refilão* e não acceder aos pedidos ou de ser idiota por lhe aturar as intervenções no governo dos Mundos.

* * *

Ha um medico em Lisboa, que depois de vêr o doente e fazer a receita pergunta sempre: — ha oratorio cá em casa?

A' resposta affirmativa, dirige-se para elle, recommendando á familia do doente: — vamos pedir a Deus que faça com que o medicamento opere a cura do doente!



Um dia, n'uma casa, uma senhora replicou: — O sr. doutor não acha que n'esse caso é inutil a droga?

— Porque? respondeu o idiota.

— Não era mais simples pedir logo a Deus que curasse o doente?

Este caso poderá servir ao sr. Patriarcha. Pois não era mais simples pedir a Deus que vitalizasse as sementeiras, com agua ou sem agua, como elle entendesse e quizesse?

E se houver falta d'agua lá por cima? Se o contador celeste pádecer — como aos da terra tantas vezes acontece — de mortal sêde; não poderá dar-se o caso de entalarem o padre Eterno, que com toda a boa vontade não possa satisfazer os pedidos?

Quem lhes garante que a colonia gallega que grita o aú pelas ruas das estrellas, não tenha feito uma greve, por causa das mortes de Salamanca, attribuindo-as ao pouco amor de Deus pelos hespanhoes patricios?

E' preciso pensar bem n'estas coisas todas. Lidar com Deus não é o mesmo que lidar com qualquer sujeito do nosso conhecimento e é preciso, sobretudo, não fazer cair no ridiculo, como qualquer creador de patos — o creador dos Mundos.

* * *

Demais o sr. Patriarcha não póde dar ordens: — está excommugado.

Deus não quer nada com elle n'esta occasião, e quem sabe até se esta guerra do ceu ás cabeças de nabo não vem da relação de parentesco com alguma cabeça humana que Deus queira punir!

Quem sabe se é a sua eminencia que nós devemos a sécca?

Principe da Igreja incurso na excommunhão papal, que mais horrido crime é preciso para justificar a necessidade dos sorvetes e das carapinhadas, e pôr a terra n'aquelle estado miserando que o poeta solicitava na morte de Ignez?

Sequem-se as fontes,
Murchem as flores,
Morrei amores,
Que Ignez morreu!

PATER FAMILIAS



Deixae vir a mim os pequeninos

Vão pois pedir chuva os corações solícitos e as gargantas caridosas dos padres.

Porto toda a parte a natureza treme no ategoso de uma regadela proxima; as aves acompanharão os côros dos levitas, por entre os galhos floridos; os vendedores de galochas e de guarda-chuvas, ás portas das lojas, olhando o ceu, terão risos bons, esfregando as mãos.

Um Nilo bemfazejo cairá em gotas sobre os homens e as coisas.

Tudo isto se deverá ao sr. Patriarcha.

Como ainda é cedo para a estatua no largo da Sé, é de justiça que se dê uma lembrança.

Lembro ao sr. Palha, que vae ser o mais contemplado nas suas lezírias, que tome a iniciativa:—mande ao sr. Patriarcha um alqueire de fava o duas quartas de cevada.

E' pouco?

Sua eminencia é modesto.



OUTRA NA FERRADURA

O proprietario de uma drogaria vem declarando ha dias nos jornaes que não vendeu um unico artigo de fogo de artifício ao encarregado do fogo que se queimou no Tejo por occasião da visita do rei de Inglaterra, não só — acrescenta o droguista em questão — porque não apresentaria fogo igual ao que foi queimado, como também porque no seu estabelecimento não se fazem transacções d'aquella ordem.

Ora, era muito melhor ter dito isto immediatamente — isto é, que, zchando-se incorporado no gremio dos droguistas, não fabricava fogos de artifício, aproveitando talvez o ensejo para declarar outosim que por equal motivo, não se propunha do mesmo modo, fornecer aos seus clientes e ao publico em geral, fatos de cheviote por quatro mil e quinhentos.

Mas o espirito de concorrência é endiabrado. O que esta drogaria quiz afinal anunciar foi que se fornecesse ao Estado fogos de artifício, os forneceria... melhores.

Posto isto, porque motivo não se hão de declarar as pharmacias igualmente em condições de os fornecer?

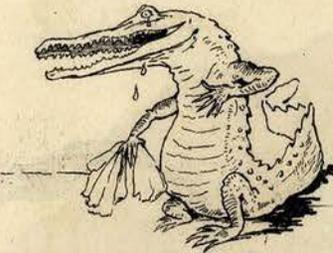
As pharmacias fazem já um grande numero de negocios: ellas vendem perfumarias, artigos de toilette, instrumentos de precisão e aguas mineraes ao balcão. Temos mesmo um amigo que costuma methodicamente, ás cinco, ir, como elle mesmo tão agudamente diz — *lunchar ás boticas*. O seu lunch compõe-se de meia garrafinha de agua de Vidago e de uma pastilha de clorato de potassa.

Porque motivo não veríamos um bom fogo de Azevedo & Irmãos, ou de Estacio & C.?

Em todo o caso é um alvitre. Para a outra vez, experimente se. — Fogos de vistas... da botica.

A proposito: um espectador do ultimo fogo de vistas, pessimista e anglophobo, vendo arder o ultimo foguete de lagrimas, em honra de Eduardo VII, teve este dito amargo:

— Lagrimas... de crocodilo!



O *Dia* dá-nos quotidianamente, por telegramma, o estado do tempo em Paris, o que faz com que grande numero dos seus leitores se tenham habituado já a dizer, todas as tardes, desdobrando o jornal: — Ora vamos a vêr que tal esteve hoje o dia em Paris!

Não se é impunemente o cerebro do mundo!

Mas outros pormenores da vida parisiense nos dá, dia a dia, o brilhante periodico. Assim, ha pouco, informava um dos seus telegrammas de Paris: «Sendo o dia d'hoje consagrado a descanso, ninguém trabalhou.»

Emfim, a nossa imprensa entra verdadeiramente no caminho de uma publicidade larga.



Critica de theatro: *Escola Antiga*, theatro de D. Maria.

Imprensa da manhã — Por cá, não temos por emquanto d'estes exemplares, porque o socialismo ainda não adquiriu entre nós fóros que lhe deem entrada nos salões da burguezia.»

Descance! Ainda havemos de o vêr desembargador da Relação, dançando em casa dos senhores condes d'Almedina. O que lhe falta afinal a esse pobre Socialismo, não são já maneiras. — é uma casaca.



A ultima estocada de Guerrita:

Cordova, 15, ás 6,10 t — O ex-matador de touros «Guerrita» mostra se indignado por se afirmar que iria a Lisboa tourear na corrida em homenagem ao rei Eduardo VII. Odeia a Inglaterra desde a guerra hispano americana. «E — diz elle — ainda que me offerecessem a mais rica das colonias inglezas, nunca tourearia em honra de um soberano britannico.»

E' o que os *aficionados* chamam entrar a matar — *corto y por derecho*.

Posto tenha cortado a *coleta*, este Guerrita está em todas as suas faculdades — como toureiro e como subdito de S. M. Catholica.



Os tribunaes patuscos:

Na Boa-Hora, um individuo que os jornaes declaram incorrigivel, certamente por ter soffrido sem correcção, um grande numero de condemnações successivamente menos benevolas, insurgiu-se contra o juiz que mais uma vez o condemnou, «soltando — refere a imprensa da manhã e a da tarde — algumas palavras inconvenientes, das quaes esse magistrado não fez caso algum, porque na verdade não tinham importancia.»



Vejamos. Ou este incorrigivel teve palavras inconvenientes, as quaes n'este caso nunca seriam destituídas de importancia, desde que dirigidas ao representante da lei, no templo da justiça, ou teve palavras destituídas de importancia, que n'esse caso não podem legitimamente ser qualificadas de inconvenientes.

Se, ouvindo lêr a sua sentença, elle disse apenas, dirigindo-se ao juiz: *muito obrigado a v. ex.ª*, ou: *Deus guarde a v. ex.ª*, ou: *Sou, de v. ex.ª*, está bem. Elle não foi inconveniente. Elle foi simplesmente um camello.



Se elle se serviu de expressões d'oposição; se, por um momento, pôde considerar-se *minoría* e o seu juiz o *governo*, para o injuriar e descompor; se, esquecendo o recinto sagrado em que se encontrava, se imaginou por instantes no mesmo seio das instituições parlamentares, entre o sr. Lourenço Cayolla e o sr. Carlos Ferreira; se pôde, abstrahido de toda a realidade, apagar a sua

personalidade de delinquente incorrigivel para a substituir pela de incorrigivel membro do partido progressista, — elle foi alguma coisa mais do que inconveniente: elle foi outra vez reu, pelo que nada o impediria de ser outra vez julgado.

Mas o sr. juiz não fez caso. Fez mal. O sr. Cabreira pôde não fazer caso. O sr. juiz não, porque o sr. juiz não é nunca nem physica, nem moralmente cabreira. O sr. juiz não tem nome, não tem morada, não tem estado, não tem instituto 19 de Setembro — O sr. juiz é a Justiça — intangivel e sem instituto.

O FERRADOR.



Sécoa

«No Alemtejo, diz-se, reputam-se perdidos todos os favaes por falta de agua. A cevada não afillhou e está já com as espigas rachiticas.»
Que perspectiva para as cavalgadas!



Pragas

Os gafanhotos entraram já por Castello Branco. O governo do sr. Hintze continua no poder. A febre aphtosa emmagrece as vaccas... e ha quem duvide de que isto não seja o Egypto!



Fome

Descobre-se, afinal, que os soldados do Porto revoltados, o fizeram por terem fome. O exercito consome oito mil contos de réis. Pôde calcular-se que para o caldeirão se teem de reservar tres mil.
E não chega?
Oh! senhores, muito cara está a feijoada n'este paiz



Monumento

Em Londres vae levantar-se um monumento á memoria dos jornalistas — doze — que as balas não pouparam tambem na Africa do Sul.

E' captivante a idéa. Não tivemos ainda entre nós esta resolução, mas um dia virá, quando se pensar que são tão dignos de recompensa os que morrem por balas, como os que morrem de fome.



Epigramma



Um sabio de largo ventre
E singular fanatismo,
Estuda a differença entre
Bruxeda e espiritismo

Estudou turcos e gregos,
E persas de alto *toutiço*...
Não chegou inda aos gallegos
Mas ha de chegar a isso.

Se consegue a doce esperança
Em que se empenha com fé.
Mette em Africa uma lança...
E em Rilhafolles um pé.



Sempre assim é, fol e será

Veio o rei Eduardo. As musicatas
Accesas em patrioticas venetas,
Sopraram nos trombones e trombetas
Os hymnos do *oys com baatas*.

No Tejo, a que Camões erguen cantatas,
A biche de rebear fez piruetas...
E o Zé Ostiz, o cantado p'las gazetas,
Fez falta na melhor das *funcanatas*!!!

Da culinaria as coisas exquisitas,
Do melhor vinho as saborosas gotas
Deram de regalorio horas bemdictas.

Assim é desde edades mui ramotas:
— Quem recebe dos grandes as visitas
Nunca lhe diz que tem as meias rotas.



Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Em 1 de abril será posta em vigor uma nova tarifa especial, serie M. L. n.º 3 de g. v., que será valida durante 6 mezes, segundo a qual as estações de Lisboa e Porto-Campanhã venderão bilhetes de ida e volta a Madrid, validos por 30 dias, com a faculdade de paragem em qualquer estação do percurso hespanhol.

Os preços dos bilhetes são: 1.ª classe, 19\$200; 2.ª, 13\$500; 3.ª, 9\$720; e mais o imposto do sello para o Estado portuguez.

O preço de transporte de bagagens registada é de 1\$180 réis por cada fracção de 10 kilos para todo o percurso Lisboa ou Porto a Madrid ou vice versa.

A nova tarifa está affixada nas estações d'esta Companhia.

Lisboa, 27 de Março de 1903.

O director geral da Companhia
Chepuy.

MOLDURAS E MOVEIS DOURADOS

A ouro fino continuam-se a fabricar em todos os estylos, por preços modicos.

Espelhos molduras e galerias.

Mezas de phantasia dourada em diversos gostos.

Galerias douradas a 800 réis.

Baguette nacional para molduras e galerias: qualidade e preço rivalisa com a estrangeira.

Estampas e oleographias, bom sortimento e variedade, muito barato, por que vem directamente a nossa casa, todos os artigos acima mencionados e muitos outros do que diz respeito á arte de dourador, se encontram á venda na officina e deposito de moveis dourados, de Joaquim Antonio Peireira.

273, Rua da Rosa, 275

Ourivesaria e Relojoaria
com officina anexa
de fabrico e
concertos



RELOGIOS

Dos melhores fabricantes. Relojoaria BOLTELHO. Rua do Ouro. (Junto á esqua na do Rocto).

TABOLETAS

Em todos os generos, dourados, pintura e gravura em vidro, letras de zinco em relevo, etc.

FRANCISCO SANTOS

R. do Gremio Lusitano 41, 43,

COISAS DE HESPANHA



CARMEN

«L'amour est un enfant de Bohème
«Il n'a jamais, jamais connu de loi.